

SEXO E SEXUALIDADE NO MUNDO MODERNO

RODRIGO BARROS GEWEHR
TÂNIA MARIA HETKOWSKI



contexto
educação

RESUMO

Visa o presente ensaio a entender alguns deslocamentos de sentido gerados pelo discurso social. Nosso enfoque partirá de uma rápida visualização de como a linguagem contribui para que tenhamos uma mudança na abordagem de determinados temas. A partir deste ponto, trataremos de buscar entender a distinção entre sexo e sexualidade e as particularidades existentes em cada um destes significantes. Nosso objetivo é entender as vicissitudes da sexualidade no mundo contemporâneo, os lucros e prejuízos do uso que se faz do corpo, do sexo e da sexualidade.

Palavras-chave: *sexualidade, linguagem, discurso social, modernidade.*

Aceito para publicação em outubro de 2001

SEXO Y SEXUALIDAD EN EL MUNDO MODERNO

RESUMEN: *El presente ensayo intenta entender algunos desplazamientos de sentido generados por el discurso social. Nuestro enfoque partirá de una rápida visualización de cómo el lenguaje contribuye para que tengamos un cambio en el abordaje de determinados temas. A partir de este punto, trataremos de buscar entender la distinción entre sexo y sexualidad y las particularidades existentes en cada uno de estos significantes. Nuestro objetivo es entender las vicisitudes de la sexualidad en el mundo contemporáneo, los lucro y perjuicios del uso que se hace del cuerpo, del sexo y de la sexualidad.*

Palabras-clave: *sexualidad, lenguaje, discurso social, modernidad.*

SEX AND SEXUALITY IN THE MODERN WORLD

ABSTRACT: *It aims at the present essay to understand some shifts of direction generated by the social speech. Our approach will leave of a fast visualization of as the language contributes so that let us have a change in the boarding of determined subjects. From this point, we will treat to search to understand the distinction between sex and sexuality and particularities in each one of these significant ones. Our objective is to understand the vicissitudes of the sexuality in the contemporary world, the profits and damages of the use that if makes of the body, the sex and of the sexuality.*

Keywords: *sexuality, language, social speech, modernity.*

SOCIEDADE DOS EUFEMISMOS

Trata-se de um momento de grandes contradições este em que vivemos. Ao mesmo tempo que a “tela global” nos traz continuamente mensagens de um mundo caótico e desestruturado, mergulhado em racismos, fundamentalismos, crises econômicas e sociais, vive-se a era do grande progresso, das mais efetivas tentativas do ser humano de dominar a natureza, grande fonte de sofrimento para um homem demasiadamente frágil, como já alertara Freud (1996a).

O eufemismo é uma figura de linguagem que “...consiste na substituição de uma palavra ou expressão com sentido desagradável por outra, com a finalidade de amenizar seu significado” (Mesquita, 1996, p.542). O essencial no momento é compreendermos que esta figura de linguagem gera dois movimentos no discurso: há um deslocamento da mensagem original com a finalidade de diminuir o impacto de uma mensagem dolorosa ou chocante. São dois movimentos interligados – o deslocar¹ e amenizar – que geram um novo panorama de um assunto potencialmente perturbador.

Podemos transpor o campo lingüístico e observar quanto o eufemismo está impregnado em nossa sociedade. Há vários deslocamentos fundamentais no discurso moderno, diversas tentativas de se amenizar o mal-estar na civilização, de arrefecer a discussão crítica do que se passa com o mundo e a humanidade, e com a própria condição do homem perceber sua humanidade.

Hoje em dia não há mais “deficientes”, há “portadores de necessidades especiais”. Paradoxo de uma sociedade que exclui pela inclusão, que não suporta a diferença, a alteridade, e marca o indesejável que é o outro pela aceitação de nuances cada vez mais variadas, de comportamentos cada vez mais gritantes, os quais são tornados parte da norma social vigente. E não há mais com que se ocupar, pois tudo é parte dessa sociedade polimorfa, para não dizer monstruosa. Tudo é normatizado, categorizado, distribuído em “tribos”, em bolsões culturais. O máximo que pode ocorrer é que uma tribo entre em atrito com a outra, mas é tudo parte de um processo de harmonização e de um futuro mundo sem fronteiras.

Outro eufemismo mordaz de nossa sociedade é a propaganda da diminuição das distâncias. “Acesse a Internet e tenha o mundo em suas mãos”, “com a televisão se tem o mundo em casa em tem-

po real”. Novos mitos para uma nova era. Nesse sentido a humanidade caminha como sempre caminhou. Sempre se apegando a mitos e suportes simbólicos, porém agora se trata da tecnologia, da cientificidade. Para não incorrerem em grave erro, cabe lembrar as palavras de Françoise Dolto:

“...a humanização jamais se faz a partir apenas do objeto parcial, seja a voz ou o olhar. Por isso a gente pode perguntar o que será das gerações que vão ter por ego ideal o computador ou o robô, máquinas lógicas, desprovidas de sensibilidade. A cibernética pode ser, é verdade, um modelo do simbólico, mas com a condição de não ser desconectada de outra estrutura que é a da sensibilidade própria dos humanos” (Dolto, 1989, p.176).

Eis um discurso recalcado em nosso dia-a-dia. Não se fala muito nas emissoras de televisão, em jornais e revistas, acerca das conseqüências de um mundo cada vez mais tecnológico, de um mundo onde as relações humanas arrefecem a largas vistas. É da ordem do recalque chafurdar tais campos que poderiam levantar suspeitas sobre a ordem vigente, sobre o plano político-econômico de transformar o mundo em uma placa de silício, ou em seres clones. É o próprio fantasma de narciso que ronda a condição humana desde sempre e irrompe na modernidade com força total.

Baudrillard (1992) afirma que:

“...a tecnologia psicobiológica, todas as próteses informáticas e as redes eletrônicas de auto-regulação de que dispomos oferecem-nos uma estranha espécie de espelho bioeletrônico no qual, a partir de agora, qual um narciso digital, cada um de nós vai deslizar no fio de uma pulsão de morte e precipitar-se numa imagem. Narciso = narcose” (p.190).

Através de uma repetição incessante dos mesmos temas, recorrendo-se constantemente ao repetido da mídia, o homem projeta suas angústias e incertezas e as vê refletidas diariamente na tela da TV ou em outros meios bastante difundidos como os jornais, revistas, rádios e, atualmente, os computadores. Dessa forma o espelho de narciso não é mais o lago e sim a mídia, com o agravante de que este espelho não reproduz imagens apenas; cria outras tantas que se aliam às esperanças, desejos e temores das pessoas, aguçando o imaginário da população, tornando-se, assim, narcótico, entorpecente.

Apesar de este discurso soar um tanto quanto apocalíptico, ele se tece a partir da constatação de que o mundo não suporta suas dores, não suporta ferir seu narcisismo a ponto de proceder a uma introspecção séria sobre sua condição (Freud o fez, mas faz parte do sintoma moderno rechaçá-lo e tornar suas descobertas exageros interpretativos (Roudinesco, 2000) – mais um eufemismo dentre tantos existentes). Huxley parece de fato atual. Qual será a fórmula moderna do “soma”?

Já temos as “salas de fecundação”; na televisão, uma versão moderna do “cinema sensível” e, com formas subversivas ou não, diversas qualidades de “soma”: desde as drogas ilícitas até a nova onda da felicidade pela via dos psicofármacos. É um “admirável mundo novo” onde a estabilidade é o critério de felicidade, tal qual previra Huxley.

“Atualmente – eis o progresso – os velhos trabalham, copulam, não têm tempo, não lhes sobra tempo do prazer, nem um momento para sentar e pensar – ou se acaso alguma oportunidade infeliz lhes abrisse um tal abismo na substância sólida de suas distrações, há sempre o recurso ao *soma*, o delicioso *soma*...” (Huxley, 1980, p.80).

Mesmo em se falando tanto no aumento do tempo para lazer, realidade distante do contexto sul-americano, ao menos para a maioria arrasadora da população, tal tempo está tão impregnado de novidades, tecnologias, frivolidades eletrônicas, que se pode duvidar da qualidade de tal lazer. Trata-se de um lazer movido pelos símbolos da sociedade tecnológica e consumista.

Já observamos em trabalho anterior² que os adolescentes passam grande parte do dia em frente à televisão, tornando esta um meio de entretenimento e descanso para suas mentes fatigadas e estressadas. Na atualidade até mesmo lazes campestres, em meio à natureza, já são agenciados por empresas especializadas. A aventura se torna calculada, quem pensa nos riscos são os guias e agentes de aventura. Cabe a cada um apenas pensar no risco que corre sua própria pele e divulgar a aventura na qual se embrenhará. Dependendo do quão engenhosa seja a aventura ou os contatos com a mídia, pode-se, ainda, conseguir uma reportagem especial em algum programa de televisão.

Outro símbolo máximo de nossa sociedade é a saúde, embaçada pelas práticas desportivas, suposta proteção contra as drogas, e a boa alimentação. Novamente instala-se o contraste, a contradição. A Olimpíada de Sydney, realizada no ano 2000, foi um marco histórico para os jogos olímpicos, não pela beleza ou pelo brilhantismo dos atletas, os quais, obviamente, mantêm seu valor, mas porque o “o doping derrotou os jogos”, de acordo com a revista *Veja*, em edição de outubro de 2000.

Nesta Olimpíada foi exorbitante o número de atletas pegos em *doping*, a ponto de o jornal *The New York Times* propor o *doping* como nova categoria olímpica. Mais um retrato da sociedade dos contrastes e dos eufemismos. Por trás do discurso de uma vida saudável, no evento de maior importância do esporte, supostamente local de saúde, descobre-se toda uma série de estratégias químicas para se vencer, para se conquistar a fama, o dinheiro e o reconhecimento mundiais. E a saúde? Esta se mantém nas propagandas, na estética, na aparência.

Simulação *versus* originalidade

Notadamente, a sociedade que tem como bandeira a tecnologia, o desenvolvimento e o progresso não é mais lugar para a originalidade. Esta aparece de forma muito escassa e sobretudo de forma a buscar um afastamento do “status quo”, como, por exemplo, o “mundo mix”. Todavia, nossa sociedade tem como característica marcante “aceitar” o diferente, incluí-lo para não compreendê-lo. Tudo é possível desde que a estrutura básica e fundamental não se altere. Ou seja, permanecendo o poder e o domínio econômico, político, social e cultural onde então tudo é aceitável, tudo pode ser assimilado.

Os adolescentes sentem esse drama na pele, como se usa dizer, haja visto que seus comportamentos contestatórios, hoje extremamente arrefecidos e identificados com os ideais da era do consumo, são rapidamente assimilados por essa sociedade. Trata-se de um problema complexo, pois os adolescentes constroem suas atitudes de contestação e demarcação da diferença a partir do que a sociedade fornece, como sempre se fez. Acontece que nossa sociedade pouco faz para dar suporte simbólico ao que oferece. Tudo vale pelo

simples fato de estar aí. E não há o que contestar pois as bandeiras erigidas pelo adolescente são assumidas e louvadas pela sociedade, restando aos adolescentes o mal-estar de se ver desamparado e misturado ao mundo adulto, sem de fato poder usufruir deste.

Segue, então, um movimento de eleger novas atitudes, que hoje em dia se multiplicam com a mesma velocidade com que são furtadas pelos adultos. É uma espécie de autofagia narcísica: a sociedade produz os modelos para os adolescentes e depois que os adolescentes os assumem, os adultos passam a utilizá-los, talvez para se identificarem com a juventude, inexoravelmente perdida (e desesperadamente procurada. Nunca esteve tão na moda a busca da fonte da juventude, hoje tecnologicamente forjada pelos bisturis dos cirurgiões plásticos, nas sessões com esteticistas, nos fármacos para emagrecimento, nas academias, nas práticas alternativas, entre tantas outras).

Calligaris (2000) afirma que

“Em todas as suas tentativas de desafiar e provocar, o adolescente encontra uma dificuldade: por mais que encontre maneiras de se enfeitar, de se distanciar do cânone estético e comportamental dos adultos, a cada vez, rapidamente, a cultura parece encontrar jeitos de idealizar essas maneiras, de transformá-las em comportamentos aceitos, até desejáveis e invejáveis. Ou seja, o adolescente descobre que sua rebeldia não pára de alimentar os ideais sociais dos adultos” (p.53).

Isso se torna gradativamente mais intrigante e gerador de estéticas no mínimo perturbadoras. Chega-se ao cúmulo de marcar na própria carne a diferença, como o fazem os adeptos do “*Body Modification*” (modificação do corpo), incluindo modalidades como a tatuagem, velha conhecida e já bem difundida entre adultos e crianças, *Piercing*, *Branding*, que consiste em marcar a pele com ferro quente, e o *Cutting*, no qual a pessoa recebe cortes com o objetivo de formar cicatrizes. Tais técnicas, direcionadas ao real do corpo, demonstram o quanto está sobrecarregada a corporeidade em nossa sociedade.

Além do já exposto, tentativa de demarcar a diferença, tais utilizações do corpo denunciam o avesso de toda a pregação moderna rumo a um corpo perfeito. Este movimento intensifica-se na medida em que o corpo assume cada vez mais o papel central em nossa sociedade.

Interessante ressaltar que a cultura procura assimilar todos esses movimentos tornando-os despojados do conteúdo simbólico contestatório que teriam. A revista *Veja*, na reportagem “A vida é uma fantasia”, de 6 de setembro de 2000, afirma, a respeito de um movimento dos adolescentes japoneses, que eles não são rebeldes nem têm causa, com o que não podemos concordar. Diz a revista:

“...cabelos loiros, pele bronzeada, unhas enormes, colar de búzios, piercings, cabelos punk, grifes francesas. Diferente é a atitude. Os punks não são agressivos, os clubbers não caem no embalo, os rasgados não protestam contra nada. A idéia é simplesmente curtir o figurino.” (Oyama, 2000, p.82-83)

É exatamente pela inserção de suas atitudes e comportamentos na cultura que se produz essa mudança na atitude, que corresponde a uma perda no aporte simbólico de tais práticas. Não é que os adolescentes não sejam rebeldes ou não tenham causa. Acontece que, na linha de raciocínio exposta por Calligaris (op.cit., p.58), a adolescência passou a ser ideal cultural, a juventude procurada a qualquer preço, o que torna os movimentos do adolescente desinvestidos de poder demarcatório, de poder de ruptura. É difícil para o adolescente crescer, é uma árdua batalha encontrar uma marca que o distinga de um mundo adulto devorador. Talvez o sem sentido de suas práticas seja a resposta ao sem sentido fornecido pelo mundo adulto: você deve crescer mas eu quero rejuvenescer (Calligaris, op.cit., p.74), nem que isso me custe a saúde e a vida, nem que para isso eu assumo uma postura adolescente.

São várias as apologias à adolescência, mostradas reiteradamente na mídia, enaltecendo o modo de vida adolescente e retirando do discurso o caráter transitório e conflitivo do processo. Tudo é absorvido pela imagem, pela publicidade de um estilo de vida “teen”. Todos os modelos são admitidos, haja vista que são modelos, moldes, aparência, “objetos a serem reproduzidos por imitação”, que se tornam mais cristalizados na medida em que são apresentados como a realidade última, paralisando o questionamento acerca do que a aparência esconde. Ou seja, a aparência tornou-se sinônimo de transparência, algo já elaborado por Baudrillard (1992) no que se refere à sedução.

Do singelo ao grotesco tudo é *show* na sociedade do espetáculo, cujo modelo mundial é a sociedade norte-americana, conforme Baudrillard (1986):

“Tudo é retomado pela simulação. As paisagens pela fotografia, as mulheres pelo roteiro sexual, os pensamentos pela escrita, o terrorismo pela moda e pela mídia, os acontecimentos pela televisão. As coisas só parecem existir por esse estranho destino. Pode-se perguntar até se o próprio mundo existirá apenas em função da publicidade que pode ser feita dele num outro mundo” (p.29).

Com isso, através das idéias deste eminente sociólogo francês, podemos notar como o tecnológico permeia a vida e a significação dos acontecimentos na sociedade atual. E, além disso, promove um deslocamento do fato em si para o que dele é mostrado, o que dele é suscetível de virar espetáculo na mídia. Por isso “tudo é retomado pela simulação”. Cada evento possui um potencial para retornar ao público através da mídia, o que torna esta o grande valor de base para qualquer ato ou atividade. Assim, o valor em si de algum acontecimento torna-se irrelevante, pois o mais importante é, agora, a possibilidade ou não de aumentar os pontos no IBOPE.

Outro fator aliado à esta dinâmica é que entre o fato e sua imagem na mídia cria-se uma distância extremamente grande, a qual é mascarada pela propaganda de que a televisão transmite os fatos em tempo real. Nesse ínterim, nessa brecha no espaço-tempo dos acontecimentos, tudo pode ser reformulado, refeito, rarefeito. Tudo pode ser tornado diferente simplesmente pela forma como é apresentado, por isso, novamente, a simulação de que fala Baudrillard (1986).

Vejamos um exemplo típico da simulação do real apresentada pela mídia. Quando da morte do rei Hussein da Jordânia, em fevereiro de 1999, dois jornais de nível nacional apresentaram a notícia de forma substancialmente diferentes, dando margem a compreensões distintas do fato ocorrido. A Rede Bandeirantes afirmou que no enterro do referido rei havia *apenas um* líder ocidental, o então presidente da França, Jaques Chirac. Já a Rede Globo, noticiou que na morte do rei Hussein estiveram presentes *vários* líderes *entre eles* Jaques Chirac. Há aqui uma sutil, mas relevante diferença. Sem entrar no mérito das causas de tal encobrimento, o que se pode de imediato inferir é que na notícia veiculada pela Rede Globo o mundo inteiro está incluído na participação às exéquias do rei Hussein, fornecendo, através do não-dito, um panorama de integração mundial.

Por sua vez, a Rede Bandeirantes deixa claro que o Ocidente pouco participou naquela cerimônia fúnebre, que teve participação dos principais líderes do Oriente e de apenas um líder Ocidental.

Assim, mais um eufemismo de nossa sociedade é “ver os fatos em tempo real”, porém, o que não se diz é que os fatos vistos são sempre distantes, filtrados pela lente da mídia, traduzidos pelas falas dos repórteres e selecionados pelas mesas de edição. Vai aí uma grande distância até os fatos. Outro não-dito de grande significado é que os fatos são selecionados a partir da ótica vigente em nossa sociedade. Isso, por si só, não traz grandes esclarecimentos, pois tudo é possível de ser noticiado, até mesmo o que aparentemente seria contrário ao sistema, pois televisão é entretenimento acima de tudo, apesar de ser socializadora nas entrelinhas de sua diversão e informação.

Sodré (1984) fala do quanto os *media* podem incluir pontos de vista diferentes sem, no entanto, irem de encontro à estrutura que os sustêm, a qual, de acordo com seu argumento, é par com o Estado no qual está inserido o meio de comunicação:

“...os meios de informação (os *media*) constituem em conjunto um aparelho que realiza ideologicamente o poder de estado. Essa realização é sempre contraditória, uma vez que no interior do aparelho podem chocar-se forças políticas conservadoras e transformadoras ou correntes ideológicas retrógradas e inovadoras – (...). em qualquer dos casos, porém, o aparelho informativo se articula ideologicamente com a classe que controla o Estado e se investe de sua estrutura, isto é, assume a forma geral do poder de Estado” (p.21).

Podemos constatar diariamente a verdade de tal argumentação. Nossa sociedade capitalista vê seus meios de comunicação profundamente impregnados de campanhas e discursos que corroboram o sistema: Capitalismo, Consumismo, Globalização. Cânones do nosso mundo contemporâneo, bandeiras que admitem até mesmo seus opositores, dada a força com que propagam seus ideais.

Assim, não há porque impedir que o Brizola vá constantemente à televisão para atacar o Governo Federal. Trata-se apenas de um jogo que se repete sem cessar e desloca, mais uma vez, o discurso. Essas querelas servem como atrativos, “bois de piranha” para que as discussões de relevância cheguem aos nossos ouvidos após terem sido decididas.

Trata-se de uma ficção. A tal ponto se credita valor em ilusões como, por exemplo, a opinião pública, que em janeiro, quando da convocação extraordinária da Câmara de Deputados e do Senado Federal, para a votação de Medidas Provisórias; um deputado relatou em rede nacional que a pressão da opinião pública os fez agilizarem o processo de votação. O que, na ocasião, foi omitido pelo senhor deputado é que a dita agilização só ocorreu após ter sido pago o valor extra pela convocação fora de hora. Dessa forma funciona o meio de comunicação, criando mitos que façam parecer real o que é apenas uma invenção da própria estrutura social vigente.

Há que se considerar, ainda, que o mundo em tempo real é uma forma de entorpecimento, pois o real não pode ser assimilado com tanta facilidade quanto se apregoa, e sob a égide desse constante contato com o real do mundo, apaga-se a realidade do dia-a-dia, de nossas pequenas misérias diárias, de nossa realidade social local e também pessoal. É a linguagem da sedução que impera, linguagem essa que desloca a atenção para locais outros que não nosso microcosmo orgânico, subjetivo e social.

A simulação impera se comparada à originalidade. Seria, talvez, a própria era da sedução que se instala? Haja vista que podemos pensá-la, a partir de Baudrillard (1992), como simulação, como jogo que opera um deslocamento de sentido?

SEXO E SEXUALIDADE

Da sedução pode-se reter que se trata de um jogo cujo objetivo é a conquista. Arma sobretudo feminina de acordo com Kehl (1998), exige estratégia e véu. Sempre se encobre a intenção que se mostra apenas no ato da conquista. Cabe lembrar que, de acordo com Baudrillard (1992), a sedução no campo feminino vem perdendo terreno na medida em que o sexo torna-se mais e mais evidente e que a mesma sedução deslocou-se para a mídia que a utiliza sobremaneira para transmitir seus conceitos e ideologia.

Que lugar ocupa, então, a mulher na atualidade? Tamanho apelo ao sexo, usual no mundo contemporâneo tem dado poder à mulher, ou, por outro lado, trata-se de mais uma adequação a um discurso masculino que se mostra novamente superior e dominador, como aconteceu nos séculos XVIII e XIX de forma tão evidente?

Para que possamos ir mais além neste tema, faz-se necessário que entendamos uma diferenciação bastante tênue, mas que, em nosso entendimento, pode ser importante instrumento para entendermos de que forma sutil a sexualidade continua sendo um assunto de difícil acesso, entendimento e transformação, apesar da aparente facilidade com que temos acesso à ela em nossa sociedade.

É comum vermos cenas de sexo na televisão, referências mais ou menos explícitas não ao romance, isso já não vende mais produto algum, mas sim ao ato sexual, ao corpo, aos ícones contemporâneos de beleza: corpo magro, seios fartos, nádegas grandes e firmes, ausência de barriga (para as mulheres); corpo forte, músculos bem delineados, novamente ausência de barriga (para os homens), entre outras características.

Uma estatística relativa aos Estados Unidos, elaborada em uma pesquisa realizada no ano de 1988 afirma que:

“Na televisão, a cada ano, as crianças e adolescentes norte-americanos vêem quase 14.000 referências, sugestões e comportamentos sexuais, poucos dos quais envolvendo o uso de contraceptivos, autocontrole, abstinência ou responsabilidade.” (Strasburger, 1999, p.53)

Desconsiderando a forte tendência norte-americana a compreender que basta moralizar para resolver, que em se diminuindo o número de sugestões ao sexo a sexualidade seria melhorada, trata-se de uma estatística denunciadora de quanto o sexo vende produtos e de quanto o sexo é chamariz, ou seja, capta a atenção dos telespectadores. Por quê? Cabe perguntar.

Será porque sexo é bom e todos gostam de ver (alguns também de fazer)? Ou podemos estar diante de um mecanismo metonímico que revela a dificuldade de se trabalhar com a sexualidade, tanto real quanto simbolicamente?

Dificuldade real, pois que a relação com o outro é e sempre será um complicador da vida humana; e complicação simbólica, pois o discurso contemporâneo faz uso de uma superexposição do sexo, sem, no entanto, fornecer soluções às angústias inerentes a esse tema. Antes, o que se faz é vincular seu poder de ação e paralisação a objetos que amenizam ilusoriamente a tensão gerada pela sexualidade no dia-a-dia concreto de cada um.

A publicidade conhece bem o efeito que o apelo ao sexo tem, tanto que faz uso de sugestões ao sexo reiteradamente. “O sexo (as redes comerciais parecem dizer-nos) é bom para vender-se tudo, desde xampu, máquinas de escritório, quartos em hotéis e cerveja, durante séries em horário nobre e filmes feitos para a TV...” (Idem, p.55).

Porém, não devemos condenar a sociedade e a mídia. Aquela por não dar conta do seu próprio sintoma e esta por ter de utilizá-lo para se manter ativa. Cabe pensarmos nos deslocamentos e dificuldades relacionadas ao sexo e à sexualidade para, então, entendermos nosso sintoma.

A diferença entre sexo e sexualidade

Não podemos cair na cilada representada pela tendência em tornar sinônimos estes dois significantes: sexo e sexualidade. Trata-se de dois signos diferentes e que não podem ser reduzidos um ao outro, sob pena de perdermos a precisão e alcance dos termos, por um lado, e cairmos em enganos interpretativos, por outro.

A primeira diferenciação que devemos fazer refere-se ao fato de o termo “sexo”, proveniente do latim *sexus*, ser um substantivo primitivo, ou seja, a partir desse termo formaram-se outros como sexual, sexualismo, sexualidade. Etimologicamente, a palavra sexo indica a “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais” (Da Cunha, 1997, p.719).

O dicionário Michaelis (1998) traz algumas acepções próximas do significado etimológico, original, da palavra, como: (2) “conjunto das pessoas que têm a mesma organização anatomo-fisiológica no que se refere à geração: *sexo masculino, sexo feminino*. (5) Os órgãos sexuais” (p.1933).

Contudo, ocorrem também alguns significados que ultrapassam o significado etimológico, o qual, como pudemos observar, relaciona-se com o orgânico, com o anatômico. Vejamos: (3) “Instinto genésico, atração sexual ou sua manifestação na vida e na conduta: *Problemas do sexo*. (4) Conjunto de qualidades físicas que despertam o apetite sexual” (p.1933). Essas duas significações (3 e 4)

extrapolam o puramente orgânico e passam a fazer fronteira com aspectos da sexualidade ligados ao psiquismo. Quando se diz que sexo é “...atração sexual e sua manifestação na vida e na conduta” está-se, de fato, fugindo ao sentido etimológico da palavra e adentrando propriamente no que consideramos a sexualidade, entendendo que no âmbito da sexualidade há uma imbricação entre aspectos físicos e psíquicos relacionados ao sexual.

Sabemos desde Freud (1996d) que a constituição sexual depende de três fatores que se inter-relacionam. São eles: (1) os caracteres sexuais físicos; (2) caracteres sexuais mentais e o (3) tipo de escolha de objeto. Podemos inferir que (1) corresponde à parte anatômica e orgânica, (2) a uma espécie de fronteira entre o biológico e o psíquico, como explicita o autor em uma nota de rodapé no capítulo III de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

“Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, *tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independem deles*” (Freud, 1996e.). (grifo nosso)

Não se pode dizer que atividade é masculina e que passividade é feminina. Também não podemos afirmar que masculino e feminino são dados por si só, pela natureza. Como afirma Julien (2000), tais traços são de ordem simbólica e têm por efeito a formação de uma imagem do Eu. Dessa forma, os caracteres sexuais mentais trabalham num limite muito tênue entre o instintivo e o pulsional. Podemos mesmo pensar que a partir do real da diferença orgânica forma-se gradativamente uma imagem psíquica através do discurso social, está será a base dos caracteres sexuais mentais.

Já o terceiro elemento da constituição sexual (3) é resultado de conteúdos puramente históricos do sujeito. Ou seja, o modo como um sujeito empreenderá sua escolha de objeto dependerá de como sua história foi sendo construída, de como ele teve acesso às diferenças dos caracteres sexuais físicos, da posição que ocupava na rede de relações familiares, enfim, de todo o processo de constituição do sujeito, atravessado pelas tarefas pertinentes ao drama edípico.

O termo “sexualidade” é um derivado, cujo sufixo (-dade) indica que se trata de um substantivo derivado de um adjetivo. Disso podemos entender que o significante em questão procede de um termo qualificativo e indica qualidade, propriedade, *estado ou modo de ser*. Diferentemente do termo anterior, *sexo*, que designava características inerentes ao organismo de qualquer espécie, animal ou vegetal; este termo trata de características que tem de ser conquistadas. Entende-se que não nascem com os sujeitos pois derivam de elementos já existentes. Esta conquista pode ser tanto no nível biológico, como a aquisição dos caracteres sexuais secundários, como de nível psíquico, podendo servir de exemplo o próprio direcionamento sexual pelo qual se optará (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade).

Vemos novamente no dicionário Michaelis (1998) que os significados desse termo também variam desde o enfoque no orgânico, quando diz que sexualidade é o “(2) conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem” (p.1933); até traços que sugerem o trabalho psíquico, como: “(4) Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual. (5) Expressão do instinto sexual: atividade sexual” (p.1933).

Desde que não consideremos o humano um puro animal, não é mais válido falarmos apenas de instinto sexual, cabe ressaltarmos, também, o aspecto pulsional, o quanto de desejo está envolvido na sexualidade humana. A atividade sexual humana não é mera expressão de instinto sexual, haja vista que não se faz sexo apenas quando as fêmeas estão no cio, com finalidades meramente reprodutivas. Freud (1996f) afirma que “novas perspectivas se nos oferecem ao considerarmos que no homem o instinto sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução, mas à obtenção de determinados tipos de prazer” (p.194).

Essa é a grande via de diferenciação dos homens para os animais, no que tange à sexualidade. Podemos, então, inferir que homens e animais possuem sexos semelhantes, porém a sexualidade é fundamentalmente distinta, já que nos humanos há a busca de prazer; tarefa que enriquece a sexualidade e a torna também difícil de ser compreendida, já que estão envolvidos, também, aspectos de ordem psíquica.

Apenas por um exagero interpretativo pode-se tornar sexo e sexualidade sinônimos. Sob esta perspectiva, é possível entendermos que se pode fazer sexo, utilizar os aparelhos sexuais em uma conjunção física, com vistas ao prazer puramente, à reprodução, ou aos dois combinados. É também possível que na busca do prazer encontre-se o desprazer, e a incompreensão acerca do que é realmente prazer.

Pode, sim, haver uma dicotomia bem acentuada entre os dois usos do sexual. Todavia, corre-se mais um risco se consideramos que sexo é somente aquele operado pelo orgânico, com objetivos reprodutivos, e sexualidade como exclusiva busca de prazer. Não é este o sentido que queremos enfatizar ao dizermos que há uma diferença no uso desses dois termos e que a sociedade atual opera sob uma certa confusão e mistura de sentidos.

Fala-se muito nos meios de comunicação de sexo: sexo seguro, sexo frágil, problemas do sexo, diferenças entre os sexos. Coloca-se tudo no pólo do sexo e apaga-se a função do termo sexualidade. Há aqui um deslocamento de sentido que pode ser pensado como uma “naturalização” de todas as atividades ligadas à sexualidade, pois se coloca todo discurso relacionado ao sexual no significante cuja raiz remete ao puramente orgânico, natural da espécie.

No entanto, sabe-se que grande parte da atividade sexual humana é fruto de uma construção social. Em outras palavras, “a sexualidade do humano é função dos efeitos de linguagem, mais que do encontro dos corpos”, de acordo com Mannoni (1999, p.51). E não o oposto, como freqüentemente dá-se a entender pelo que se observa nos meios de comunicação (referimo-nos aqui principalmente à televisão, foco principal de nosso estudo, no que concerne à mídia).

A obsessão pelo corpo que se pode observar na atualidade só tenuamente liga-se a ideais de saúde. Há também este aspecto, no entanto, utiliza-se esse ideal como pretexto para muitas atividades que se referem mais a uma sociedade narcísica do que propriamente saudável. Não raro se vê notícias de prejuízos causados por ideais de saúde. Nota-se que inúmeras vezes busca-se um ideal de beleza e não de saúde: o excesso de anabolizantes, de regimes, de academia... e assim por diante. Seria infinito os exemplos contraditórios possíveis de enxergar.

O corpo colocado em evidência, mostrando o máximo possível os atributos do sexo. Linguagem conotativa que remete a sexualidade ao visível, ao palpável; elidindo, assim, os conteúdos simbólicos, a influência do discurso social nas posições masculinas e femininas e nos usos dessas duas posições.

Kehl (1998) traz a distinção entre *mulher*, *posição feminina* e *feminilidade*, ressaltando que a feminilidade é um discurso socialmente construído. Veremos a seguir algumas das modificações nesse discurso da feminilidade, partindo do século XVIII, e as transformações na atitude das mulheres ocorridas desde então. Cabe salientar, no momento, que "... 'homem' ou 'mulher' são realmente significantes dos quais somos dependentes..." (Mannoni, op.cit., p.51). Porém, com a mesma relevância, é necessário que percebamos quanto os papéis para homens e mulheres são frutos da história e não da natureza.

A mulher no discurso social

A partir do século XVIII inicia-se um movimento gradativo das mulheres que culminará, no século XX, na emancipação feminina, em relação ao uso de seu corpo e à possibilidade de ocupar uma outra posição social que não a de esposa, mãe ou dona de casa. A liberdade sexual acabou por ganhar maior ênfase e mesmo que teórica e legalmente as mulheres tivessem os mesmos direitos dos homens, até hoje ouve-se falar de casos de segregação, das diferenças de salários para os mesmos cargos, da dupla jornada de trabalho.

Mannoni (1999) afirma que "se a presença das mulheres no mercado de trabalho se afirmou, sua remuneração é de 30% a 40% inferior à dos homens. (...). Às mulheres, em contrapartida, cabem "naturalmente" os trabalhos de tipos domésticos e os empregos de escritório" (p.99).

Todavia, já se consegue observar atualmente casos de mulheres muito bem sucedidas nas mais diversas áreas, desde executivas de grandes multinacionais até comandantes de aviões, de empresárias bem sucedidas a grandes pensadoras e literatas; mas, trata-se ainda de exceções e muitas vezes, tais mulheres têm de se privar de outras atividades como o matrimônio e filhos para atenderem suas

responsabilidades profissionais (não estamos estabelecendo nenhuma regra, existem muitas mulheres que conciliam trabalho e família, umas pelo imperativo social, outras por desejo; da mesma forma há mulheres que não conciliam essas duas atividades, umas por desejo, outras por impossibilidade).

A sociedade ocidental sempre deixou à mulher um papel secundário na vida social. A partir das idéias de Kehl (1998), podemos pensar que a primeira e mais fundamental segregação da mulher está no nível do discurso. A mulher sempre foi considerada “objeto do discurso” masculino, predominante, enquanto o homem ocupa a posição de “sujeito do discurso”. Por essa diferença perceptível já no âmbito da linguagem é que se identifica o feminino à passividade e o masculino à atividade.

Além dessa ruptura fundamental, podemos ver nos mais variados períodos históricos inúmeros exemplos da posição passiva ocupada pela mulher. Nem mesmo a Revolução Francesa (1789), pregando a igualdade de direitos, reservou melhor destino às mulheres. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) não pode, contudo, ser chamada de mentirosa, mesmo afirmando no seu artigo primeiro: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.”³

Se entendermos que a Declaração fala do “homem”, não como universal, mas como gênero, e que a mulher só muito recentemente passou a ser uma cidadã, podemos ver que não há contradição entre o texto da Declaração e a atitude dos homens oitocentistas em relação à mulher. Dominique Godineau lembra que “a 23 de maio de 1795”, 6 anos após a Revolução Francesa, “os deputados proibirão as mulheres de se juntarem em número superior a cinco, sob pena de prisão” (Apud Kehl, Op.cit., p.62/63).

De acordo com Kehl (1998) as mulheres tiveram importante papel na Revolução Francesa, participando de momentos decisivos e mesmo encabeçando episódios importantes como o ataque à Versalhes. A participação ativa das mulheres fundamenta-se, de acordo com a autora, nos ideais de emancipação feminina surgidos no Antigo Regime e fundamentados nas idéias do Iluminismo. Assim, desde o período monárquico as mulheres buscavam emancipar-se; aproveitaram, então, os movimentos de Revolução que rondavam o

século XVIII, mas causaram espanto ao se mostrarem decididas e dispostas até mesmo a largar seus afazeres domésticos e maternos em prol de um movimento social.

Tal sede de liberdade e direitos gera um novo discurso social que visa a ligar a mulher, sob o disfarce de uma pretensa tendência “natural”, à virtude, ao matrimônio, à maternagem.

“A cultura européia dos séculos XVIII e XIX produziu uma quantidade inédita de discursos cujo sentido geral era promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado *feminilidade*. A idéia de que as mulheres seriam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, do corpo e suas vicissitudes, aparece nesses discursos em aparente contradição com outra idéia, bastante corrente, de que a “natureza feminina” precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino a que estariam naturalmente designadas. A feminilidade aparece aqui como o conjunto dos atributos próprios a todas as mulheres, em função da particularidade dos seus corpos e de sua capacidade procriadora; partindo daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico –, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. A fim de melhor corresponder ao que se espera delas (que é, ao mesmo tempo, sua única vocação natural!), pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos” (Kehl, Op.cit., p.58/59).

Em oposição a uma tendência crescente no espírito das mulheres. Em outras palavras, diante do crescente desajuste entre a mulher e o discurso social da feminilidade, o discurso social cria novas barreiras à emancipação das mulheres, sob o pretexto de que uma mudança na posição social das mulheres poderia fazer ruir a sociedade.

“As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum”, como previra a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Mais uma vez se cumpre o estabelecido. Pois todas as sanções impostas, que não são meramente hipócritas, como veremos adiante, mas cumprem também uma necessidade social do contexto da época, são elaboradas por que tinha o “direito” de fazê-las, ou seja, pelos sujeitos do discurso social: os homens.

Assim seguem as restrições impostas às mulheres, as quais, com base em Kehl (1998) podem ser resumidas em duas: a alienação política, que faz parte do conteúdo objetivo ao qual a mulher foi privada, pois não havia de forma alguma igualdade de direitos, ou mesmo escolha; e a alienação social, subjetiva, através da qual a mulher foi impedida de tomar parte de grandes decisões históricas e feitos culturais (pode-se objetar essa afirmação com o fato de que as mulheres participaram ativamente da Revolução Francesa. A isso se pode responder dizendo que a participação das mulheres, mesmo sendo ativa, foi relegada ao segundo plano por não estar ligada às camadas decisórias).

Na esteira de toda a restrição social, aliada à frustração amorosa, à impossibilidade de exercer seu desejo, surge no século XIX a literatura de romance direcionada para as mulheres, cujas através deste tipo de literatura podiam compensar, não de todo, suas ânsias por aventuras amorosas e ascensão social. No final do século XIX e início do século XX, Freud passa a escutar mulheres que sofrem de uma doença denominada neurose, a qual consistia uma denúncia ininteligível para a sociedade da época da contradição profunda em que as mulheres tinham submergido:

“...entre as aspirações inculcadas por uma educação “acima de suas condições” e as decepções de um casamento que não tem a lhe oferecer mais do que a continuidade de sua vida comum, as Bovarys⁴ do século XIX continuam a ser tomadas como objetos do que os homens tinham a lhes oferecer ou lhes demandar” (Kehl, Op.cit., p.172).

A crescente demanda moderna de “escrever sua história com as próprias mãos” entra em contradição com a liberdade dada às mulheres e isso gera perturbações que as faz sucumbirem à neurose.

Voltando à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, lemos no artigo seis: “Todos os cidadãos são iguais a seus olhos (da lei) e igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem outra distinção que não seja a das suas virtudes e dos seus talentos.” Mais uma vez podemos cuidar que a lei manteve-se sempre do lado do cidadão masculino, o que chega a ser uma redundância, pois “...a mulher que não é mãe praticamente não existe como entidade civil, principalmente na primeira metade do século XIX” (Kehl, Op.cit., p.83).

Desta feita, não se pode considerar que a igualdade de direitos algum dia tenha existido, e a mulher conquistou seu espaço público primeiramente como dona de seu corpo do que como cidadã. Em relação ao direito de votar, Mannoni (1999) escreve que “na França, só em 1944 esse direito foi obtido, a despeito dos princípios de igualdade inscritos na Declaração dos Direitos Humanos de 1789” (p.96). Apesar do grande valor desse fato transposto pela autora, há que se considerar que sua fala inclui um certo tom de “fomos enganadas”. É muito diferente pensarmos o tema a partir da “Declaração dos Direitos Humanos”, do que partindo da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, nome original do documento. Trata-se de um pequeno desvio semântico, mas de implicações muito grandes, haja vista que, se partirmos do nome original, não há contradição nem engano ou embuste, apenas uma construção histórica que se vem atualizando a cada dia.

Não queremos com isso, dizer que consideramos correta a desigualdade de direitos; todavia, pensamos na igualdade não como emparelhamento, mas como possibilidade de que cada gênero atinja seu potencial de ação sem uma mistura que não permita reconhecermos as diferenças. É antes pelo respeito à diferença do que pelo emparelhar-se que se atinge relações mais equilibradas.

Retornando à fala de Mannoni, comenta a autora:

“O verdadeiro poder conquistado pelas mulheres entre os anos 1960 e 1980 foi o da livre disposição dos seus corpos (direito à interrupção voluntária da gravidez, reconhecimento do estupro como atentado à pessoa). Poder que continua muito relativo, no mundo” (Idem, p.96).

A autora esclarece que a noção de igualdade não é aceita em muitos Estados, principalmente Muçulmanos e que o acesso da mulher ao poder político é ainda muito reduzido. A diferença de tratamento social do homem para a mulher estende-se, também, à Educação. “O direito à educação e à instrução só se abriu para as mulheres no fim do século XIX, e só em 1924 os programas escolares se tornaram comuns aos dois sexos” (Ibidem, p.98). Antes do século XIX, somente algumas mulheres da Aristocracia e de famílias abastadas tinham o privilégio de estudar. Foram elas que começaram os movimentos literários femininos que povoaram o imaginário das mulheres nos séculos XVIII e XIX.

Quanto ao poder atribuído pelo livre uso do corpo, algumas considerações precisam ser feitas. A partir de meados do século XX a mulher ganha autonomia sobre seu corpo, e sobre o sexo, devido também à popularização da pílula anticoncepcional, de acordo com Gordon (1997). Antes disso, o corpo da mulher sempre foi utilizado como objeto, ou para o prazer, ou para a geração de filhos, o que dava azo para inúmeras formas de abuso. Sem dúvida houve um aumento na qualidade de vida das mulheres com essas transformações sociais, contudo, questionamos se algumas das conquistas não trazem também prejuízos, ou se são realmente conquistas.

Kehl (1998), ao analisar a personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert, faz desta protagonista o “paradigma da mulher freudiana”. Trata-se de uma mulher frustrada e que não consegue vencer a prisão simbólica a que está relegada, transgredindo normas sociais sem nunca chegar a conquistar o que buscava, haja vista que suas pequenas satisfações não davam conta de torná-la alguém socialmente portador de uma voz. Emma encontra-se

“...alienada nas malhas de um discurso em que seus anseios latentes não encontram lugar ou palavra, e que ela é (ainda) incapaz de dominar ou modificar a seu favor, isto é: inscrever nele um significante que a represente enquanto sujeito. A resposta a esta forma específica de “mais-alienação” e à impossibilidade de levar mais adiante o recalcamento como solução para os impasses entre os ideais da feminilidade e as demais perspectivas abertas para as mulheres pela modernidade foi a histeria, esta confusa demanda dirigida ao homem para que se faça mestre do desejo da mulher. Uma demanda que nenhum homem pode atender...” (p.136/137).

Bem, agora que foi aberto espaço para que as mulheres nomeiem-se, para que insiram seu significante demarcador; agora que o discurso social liberou a mulher das restrições sexuais vividas outrora, cabe perguntar: está a mulher menos alienada? Com que função a exposição excessiva do sexo entra na dinâmica social contemporânea e o que isso significa para a mulher? A mulher exerce realmente poder através dessa erotização do seu corpo, ou está mais uma vez respondendo a anseios e demandas masculinos? Há libertação da mulher nesse mostrar-se constante, ou o que está ocorrendo é mais um deslocamento da relação mulher-feminilidade? Quais anseios da mulher não estão sendo ouvidos na atualidade?

PARA NÃO CONCLUIR...

Por ora permanecem as perguntas, as quais buscaremos resolver na seqüência de nossa investigação, no tempo apropriado e no devido lugar. Há que se investigar as vicissitudes a que estão sujeitos os diferentes papéis sexuais na atualidade. Enquanto no século XIX e início do século XX as mulheres responderam à dinâmica social – a qual, como vimos, restringia o uso da sexualidade pelas mulheres e coibia suas tentativas de ascensão social – com os sintomas históricos, elucidados, em parte (Kehl, 1998), por Freud; as mulheres de hoje apresentam demandas diferentes, já que houve transformações em relação ao uso do corpo e à possibilidade de entrar no mercado de trabalho.

Por isso, entendemos ser de relevância buscar compreender as novas formas de sofrimento, tanto femininas quanto masculinas, advindas do uso dos prazeres na atualidade. Sempre há os não-ditos e as demandas não ouvidas, e o discurso social, ainda que pregando a transparência, não foge à regra básica de possuir um limite constitutivo, como qualquer discurso. Isso nos abre o espaço necessário para que possamos entender o que se esconde por detrás da transparência, da trans-aparência contemporânea.

Como afirmou um aluno de 2º grau, o que chama a atenção atualmente é a embalagem, é ela que cativa nosso olhar e nos faz pensar o sexo e a sexualidade. Ainda se busca ser outro/outra que não se é, como na época de Emma Bovary, apenas com objetivos e formas diferentes de se conseguir ou fantasiar o que se almeja. Porém, há o importante acréscimo da virtualidade das imagens, a dar impulso contínuo à miragem da perfeição física, da urgência, do predomínio do corpo, entre outros ícones contemporâneos.

E não se pode entender a dinâmica social da atualidade sem procurarmos compreender também o sofrimento masculino, as transformações que o discurso masculino sofreu a partir da emancipação das mulheres. A inserção gradativa do discurso feminino no meio social lança o homem numa posição diferente das que estava acostumado a ocupar: senhor e provedor da alegria, prazer, desejo e necessidades práticas das mulheres.

Isso modifica também o uso que o homem faz do seu corpo, do seu sexo e de sua sexualidade. A imbricação destes campos, masculino e feminino, formam a dinâmica atual da sociedade, no

que tange à sexualidade. Bem, poder-se-ia dizer que desde sempre houve esta imbricação, porém, é necessário notar que o uso do corpo ganhou uma dimensão diferente das de outras épocas e sociedades, como lembra Baudrillard (1992). Tal mudança tem suas implicações no terreno do sexo e da sexualidade.

À guisa de não concluir, cabe a indagação do poeta: “Amarei mesmo Fulana? ou é só ilusão de sexo?” Não trataremos conclusões, abrimos, outrossim, espaço para que possamos investigar mais a sexualidade contemporânea. Contribuímos com um grande ponto de interrogação, o qual buscaremos transformar cada vez mais em exclamações, reticências, e novas interrogações.

NOTAS

- ¹ Há que se notar que o deslocamento operado pelo eufemismo não transfere um determinado assunto para outro campo, não desvia a discussão; faz-se apenas uma “correção de curso” para que o impacto de tal assunto diminua. Obviamente, isso gera conseqüências na própria discussão do assunto, pois o impacto é parte essencial de nossas impressões sobre determinado caso.
- ² Relatório de pesquisa: “Do grupo ao indivíduo: a tirania da mídia televisiva no mundo adolescente”. Trabalho realizado entre agosto de 1999 e julho de 2000, financiado pelo PIBIC/CNPq.
- ³ As citações da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que aparecem neste trabalho foram retiradas do site: <http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/historicos/declaracao_de_direitos_do_homem_cidadao.html> e correspondem a uma tradução direta do texto original em Francês.
- ⁴ A autora, no capítulo II do livro “Deslocamentos do Feminino”, traz um estudo aprofundado da obra “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, no qual fala da personagem central, Emma Bovary, como um paradigma da mulher oitocentista, dividida entre seus desejos e a impossibilidade de realizá-los pela via do social, ou seja, de forma autorizada. Mais abaixo veremos maiores detalhes a crise de Emma.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Seus trinta melhores contos*. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Editora Papiros, 1992.

BOSCOV, Isabela. A era das celebridades. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, 12 de janeiro de 2000.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CAMACHO, Marcelo. Todos querem ser Zulu. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n.36., 6 de setembro de 2000.

CAMPOS VELHO, Maria Tereza de et al. Gravidez na adolescência, aspectos obstétricos. In: *Jornal Brasileiro de Medicina*. Rio de Janeiro: Editora de publicações científicas Ltda., Vol.79, n.4, 2000.

CUNHA, Jurema Alcides. *Dicionário de termos de Psicanálise de Freud*. 2.ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

DA CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DOLTO, Françoise. *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. Campinas (SP): Papirus, 1989.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia Poética*. 24.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FERRÉS, Juan. *Televisão subliminar, socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 10.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *O Mal Estar na Civilização*. (1930) Vol. XXI, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.

_____. *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*. (1921) Vol. XVII, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c.

_____. *A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher*. (1920) Vol. XVIII, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d.

_____. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. (1905) Vol. VII, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e.

FREUD, Sigmund. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*. (1908) Vol. IX, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f.

FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 10.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GORDON, Richard. *A assustadora história da Medicina*. 8.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

HARAZIM, Dorrit. Doping. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n.40, 4 de outubro de 2000.

JULIEN, Philippe. *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2000.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MACEDO, Luciana. Corpo decorado para o verão. *Folha de São Paulo*. Caderno Folhateen. São Paulo, 31 de janeiro de 2000.

MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem*, Virgínia Woolf, as mulheres e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Coleção Transmissão da Psicanálise, n.58)

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.ed. São Paulo, Saraiva, 1996.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

OYAMA, Patrícia. A vida é uma fantasia. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n.36, 6 de setembro de 2000.

POLES, Cristina. Púberes e musculosos. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n.33, 16 de agosto de 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Sábado popozudo. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n.34, 23 de agosto de 2000.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala* (função e linguagem da televisão no Brasil). 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

STRASBURGER, Victor C. *Os adolescentes e a mídia; impacto psicológico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Sítios da Internet

<www.aids.gov.br>

Joint United Nations Programme on HIV/ AIDS. <www.unaids.org>

<www.adolesite.aids.gov.br>

<http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/historicos/declaracao_de_direitos_do_homem_cidadao.html>